



CADERNO DE EXTENSÃO



UEM

Universidade Estadual de Maringá
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Ano 3 - Nº 7 - 2º Semestre/2011

6e7

**FOGANÇA PRESERVA E
DIFUNDE AS DANÇAS E OS
FOLGUEDOS BRASILEIROS**

4e5

**TEATRO UNIVERSITÁRIO
FEZ OPÇÃO PELO
TEATRO ÉPICO**

8e9

**VIAGENS IMAGINÁRIAS DE
MARCO PÓLO INSPIRARAM
CRIAÇÃO DO APIS**

12

**ALUNA CONTA SUA
EXPERIÊNCIA NA UNATI**





editorial



José Gilberto Catunda Sales
Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UEM
Professor do Departamento de Agronomia da
Universidade Estadual de Maringá - UEM

destaque



Rafael Alves de Souza
Diretor de Cultura
Professor do Departamento
de Engenharia Civil

expediente

Reitor: Júlio Santiago Prates Filho
Vice-Reitor: Neusa Altoé
Pró-Reitora de Extensão e Cultura: José Gilberto Catunda Sales
Diretora de Extensão: Jane Maria Remor
Diretor de Cultura: Rafael Alves de Souza
Ass. de Comunicação Social: Paulo Pupim
Jornalista Responsável: Paulo Pupim (Reg. 2.472).

Fotografia: Heitor Marcon, Antonio C. Locatelli e Daura Camargo
Projeto Gráfico: Luiz Carlos Altoé.
Editoração: Andréa Tragueta
Colaboradores: André Scarate, Sueli Nascimento, Euci Gusmão, Marcos Teramoto, Enéias Ramos, Laércio Ferreira, Tereza Parizotto, Ana Paula Machado Velho.

Jornal da UEM - Edição Especial

contatos:
www.pec.uem.br
email:
jgcsales@uem.br
fones: 44 3011 3880
44 3011 3790

Um Pouco da História

Nas matérias veiculadas nesta edição do Sebastião, observa-se que a história dos grupos artístico-culturais da Diretoria de Cultura confunde-se com a própria história da UEM e dos esforços despendidos para implantar, desenvolver e apoiar atividades culturais por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Observa-se nesta área da universidade que, embora as dificuldades sejam companheiras constantes, os resultados positivos alcançados pelos grupos e pelas pessoas que se dispuseram a trabalhar por este ideal também se confundem com o sucesso da implantação da Universidade nesta região.

Os grupos aqui existentes são, com certeza, precursores das atividades culturais existentes na cidade, seja por meio das parcerias com os governos locais ou por ser a UEM uma referência da cidade.

A prova disso tudo pode se resumir na descoberta recente de Maringá, apoiado pela UEM e em parceria com a prefeitura do município, como cidade sede de uma das extensões do maior festival de violão do país - Festival Leo Brouwer - de 24 a 29 de outubro de 2011, inclusive com a presença do homenageado. Temos, ainda, a temporada universitária de teatro, que vai até dezembro, e, com a aproximação do final do ano, com certeza a apresentação de danças, coros e exposições se intensificará.

Deve-se registrar, também, que em todas as atividades artísticas e culturais da Universidade há integrantes da própria comunidade, ou seja, do corpo discente, docente e técnico-administrativo. Parabéns a todos!

Desafios culturais na Universidade para 2012

2011 não foi um ano fácil para a Diretoria de Cultura. Com muita criatividade driblamos os cortes de verba efetuados pelo Governo e conseguimos realizar com garra inúmeros eventos artísticos ao longo do presente ano. Como se não bastassem os problemas financeiros, vimos ainda nosso sonho da Concha Acústica ser abalado, tendo-se em vista o término de validade da licitação contratada.

A despeito das dificuldades mencionadas, continuaremos sonhando e lutando por melhores condições culturais em nossa universidade. Para 2012 pretendemos manter os inúmeros cursos de formação artística, bem como ampliaremos o número de eventos culturais no câmpus sede e nas extensões.

É nossa intenção retomar a Semana de Artes, o Festival de Dança, as Exposições de Artes Plásticas, bem como criar eventos relâmpagos em horários alternativos entre os intervalos de aula. Manteremos e ampliaremos a abrangência de eventos já consagrados, tais como o Festival Maio no Palco, a Temporada Universitária e o Acorde Universitário.

A situação da Concha Acústica será retomada em breve junto ao Fórum de Cultura e um novo projeto deverá ser apresentado. Precisamos ser mais realistas em relação às condições enfrentadas atualmente, de maneira a propormos um projeto flexível, barato e de fácil execução em um tempo relativamente curto. Todos reconhecem a necessidade emergencial de uma área de convivência cultural em nossa Universidade. O pensador George Ward costumava dizer que “o pessimista se queixa do vento, o otimista espera que ele mude e que o realista ajusta as velas”. Chegou a hora de ajustarmos as velas para 2012.



“A Medicina da Graça é um Humanismo”

Mario Takeguma

Gostaria de deixar aqui uma série de razões para o palhaço ser um representante fiel do ser humano e pontuar a importância dele dentro da realidade hospitalar, mas só posso fazer isso partindo das vivências que o projeto Médicos da Graça me possibilitou. Somos uma equipe formada nos cursos para “Palhaço de Hospital”, que ocorrem na Oficina de Teatro da UEM todo ano, normalmente no segundo semestre. Passamos por uma série de exercícios, jogos e dinâmicas que buscam construir um especialista em fazer graça, ajudando ao mesmo tempo a descobrir a criança que existe dentro de nós. A batalha é longa, mas a vitória é certa e ao final do curso é feita uma seleção para avaliar as pessoas que estão preparadas para entrar no hospital de nariz vermelho.

O nariz de palhaço e a maquiagem, o sorriso e a brincadeira, os instrumentos e as cores. Além disso, também levamos o nosso coração artesanal, feito com carinho pela Doutora Faniquita. Colamos esse coração na parede, para que a criança se lembre toda semana, enquanto ela estiver ali internada, que um Médico da Graça virá visitá-la, para conversar, brincar e examinar como anda o seu nível de alegria, o tamanho do sorriso e o abraço mais carinhoso.

Não estamos deixando de lado os seus aspectos negativos da doença, pois é impossível estar dentro de um hospital e fechar os olhos, parar os males que as pessoas estão passando. O palhaço não fica obcecado em decifrar a doença. Mas a doença não afasta a música, a conversa, o abraço, a dança, enfim, o que existe no momento do encontro entre criança e palhaço, caso exista uma boa comunicação.

Pensam que ser palhaço é fácil porque é só brincadeira. Mas não é, porque ser palhaço é coisa séria, com trabalho a ser desenvolvido e cronograma a ser respeitado, sempre com necessidades de aperfeiçoamento. O Médico da Graça é um humanista, não só porque trabalha sobre as bases de filósofos e intelectuais como Comte ou Petrarca. Não é necessário discutir metafísica para se tornar palhaço, mas sim, por meio da entrada nas brincadeiras, sofrendo-se para aceitar o nosso ridículo e levando-se o saber lúdico para o hospital da forma mais espontânea possível. Assim como os humanistas, nós colocamos o ser humano no centro e não olhamos para a sua doença e o perigo da morte. Nós olhamos para a sua saúde e a disposição de viver o aqui e o agora. Para a criança tudo que existe é o momento.



Acadêmico do 3º ano de psicologia da UEM, integrante do TUM e do Projeto Médicos da Graça.

O Teatro Universitário de Maringá e o Coral da UEM

Pedro Ochôa ¹

Ana Lúcia Colodetti Gada ²



Os 24 anos de história do Grupo de Teatro Universitário de Maringá (TUM) estão diretamente ligados à realização da montagem “Exceção e a Regra”. Essa opção pelo teatro épico foi determinante para a definição da personificação dos espetáculos e processos utilizados pelo TUM, imprimindo ao grupo uma característica marcante: a forma épica nos processos e métodos de trabalho bem como concepção e encenação de espetáculos.

Outra referência fundamental para o TUM é a influência teórica e prática do teatro épico-dialético de Bertolt Brecht. Em Brecht, surge tanto a perspectiva crítica, que vê o teatro como um espaço de experimentação e de discussão sobre a sociedade e a função social da arte, quanto o aspecto de formação desse teatro: tanto os atores quanto o público devem participar ativamente do processo de criação de significados dessa atividade coletiva que é o teatro.

Fazendo-se um inventário sobre as montagens levadas a cabo pelo grupo TUM, podem ser contabilizadas treze montagens, além de oficinas permanentes, capacitação de professores e projetos ligados à rede de ensino e à comunidade. A última montagem do grupo, em 2011, foi “A Visita da Velha Senhora”, adaptação do texto de Friedrich Dürrenmatt, com direção de Mateus Moscheta, sob coordenação de Pedro Ochôa.

Deve-se destacar que a UEM também vem desenvolvendo, desde 2010, trabalhos na área



de “Teatro de Bonecos”, sob supervisão da professora Sueli Alves de Souza. Trata-se de mais uma alternativa de manifestação cênica, onde o artista aparentemente se anula, de maneira a transmitir a referida arte. Constantes pesquisas sobre as técnicas de manipulação têm sido estudadas pelo Núcleo de Teatro de Bonecos.

O coral da UEM foi criado em 1973 e teve como seus primeiros regentes o professor Wilson Bressan, o professor Aniceto Matti e o professor Hideraldo Grosso. Desde 1994, está sob a coordenação e regência da professora Ana Lúcia Colodetti Gada e, a partir de então, passou a ter uma proposta de coro cênico.

A proposta musical é centrada no canto popular, principalmente na música popular brasileira, isso sem deixar de fazer um passeio pelas raízes musicais brasileiras, como cantos indígenas e africanos. O Coral busca levar à população a boa música brasileira, através de arranjos bem elaborados e de bom gosto, apresentando-se em cidades do Paraná e também de outros estados.

Atualmente o Coral conta com cerca de 30 coralistas, de ambos os sexos, provenientes do corpo discente, de servidores da UEM e de membros da comunidade em geral distribuídos em quatro naipes vocais.

¹ Coordenador do grupo TUM.
² Coordenadora do Coral da UEM.





“Dançando na UEM Fogança, TAP e Oficina

O Grupo Universitário de Danças Parafolclóricas Fogança teve início em agosto de 1988, a partir da realização de um curso sobre danças populares, e tem como objetivo a coleta, a pesquisa e a reprodução de manifestações folclóricas e populares das danças e a sua socialização com a comunidade acadêmica. Buscando preservar e difundir as danças e os folguedos brasileiros, o Fogança participa de festivais de danças nacionais, eventos e encontros culturais, festivos, educacionais, científicos e acadêmicos em todo território brasileiro. Participou também de festivais internacionais na França, Espanha, Portugal, Bolívia e Peru. Entre os principais trabalhos artísticos do grupo estão: Macumba (1989); Fandango do Paraná (1990); Espetáculo Frevo Alegria (1992); Coco (1994); Sul, Centro, Norte Fogança Dança o Brasil (1997) (Gravação do 1º CD); Cirandando Pelo Brasil (2001) Gravação do II CD; Festa de São Gonçalo e Festa para Iemanjá (2002); Ciranda Brasil (2002); Síria (2004); Reisado uma Festa do Povo (2006); Do Batuque ao Moçambique (2007) e Jongo (2010).

O Grupo TAP se dedica à arte do sapateado há pelo menos 15 anos e é conhecido não só em Maringá, mas em todo o Brasil como um dos grupos mais atuantes desta modalidade. No currículo o grupo carrega o segundo lugar de um evento internacional de sapateado ocorrido em Curitiba, que por sua vez rendeu críticas favoráveis para duas sapateadoras premiadas do grupo, Priscilla Akemi Saiki (hoje colabora como instrutora e coreógrafa do grupo) e Carolina Cunha, ambas acadêmicas da UEM. O grupo vem se apresentando em eventos, tais como congressos, festivais, workshops, dentro e fora da UEM e, atualmente, está a procura de novos sapateadores para aumentar o seu elenco.

O Grupo Oficina de Dança surgiu em 1992, da necessidade de desenvolver uma atividade de dança que contemplasse os filhos de servidores da UEM e da comunidade. A descoberta da dança como atividade de bem de consumo ao corpo é um dos objetivos do grupo, sempre almejando paralelamente a liberação criativa e o desenvolvimento do senso crítico e artístico dos



EM: "Cina"

Sueli Alves de Souza ¹
 Daisa Marlene Poltronieri ²
 Aurilene Aparecida da Cruz Meneguetti ³



integrantes. Os alunos normalmente chegam ao projeto sem um conhecimento formal de danças e, a partir daí, são preparados em aulas práticas e teóricas nas mais variadas técnicas: ballet clássico, jazz contemporâneo e danças populares. O treinamento e a pesquisa desenvolvidos pelo

grupo sobre cada tema proposto resultam em produção cênica que é levada ao público, em geral na forma de espetáculos. Entre os espetáculos produzidos destacam-se: “100 anos de história da mulher (2004)”, “História do Samba (2007)” e mais recentemente “Tribuna Caos (2010)”.

¹ Coordenadora do Grupo Fogaça.

² Coordenadora do Grupo TAP.

³ Coordenadora da Oficina de Dança.

Artistas nas Cidades Imaginárias de Calvino

As viagens imaginárias contadas por Marco Polo ao imperador dos tártaros Kublai Khan, no romance “As cidades invisíveis” (Le città invisibili, 1972) do escritor italiano Ítalo Calvino (1923

– 1985), foram a base das poéticas de criação dos doze integrantes do Grupo APIS da UEM, a saber: Nanci Couto, Teresa Udo, Robson Hiraes, Lúcia Augusto, Marlene Marchi, Sara Camargo,

Carla Olivo, Rosana Bacicheti, Débora Ravagnani, Cristiane Inokuma, Maria Angélica Ribeiro e Thayza Mazzo Mura .

Coordenada pela professora e artista plástica

Tânia Machado, a mostra, que foi apresentada no período de 1 a 25 de setembro deste ano, na sala de exposições do Museu Heleton Borba Cortes/Teatro Calil Haddad, integra o projeto de



Tânia Regina Machado¹
Lúcia Marques Augusto Amadeu²
Cristiane Pereira Inokuma³

extensão “A ARTE É UMA ASA...VAMOS VOAR!”

Tendo como título “As Cidades e a Memória – invisibilidades na poética de Ítalo Calvino”, as cinquenta obras de técnicas variadas (pintura, desenho, fotografia, objetos), são o resultado da pesquisa, iniciada em 2009, com a leitura reflexiva do livro de Calvino.

Heterogêneas, as propostas são diversificadas tanto em técnica como em estilo e, além disso, poéticas, pois o APIS é formado por pessoas de diferentes áreas de atuação e formação, quais sejam: artistas plásticos, educadores, arquitetos, estudantes, amazona, pesquisadores.

A experiência de participar da mostra é relatada por Lúcia Augusto, uma das integrantes do grupo: “como Arte Educadora, fazer parte do Grupo APIS e participar dos cursos de extensão é não perder o elo do conhecimen-



to. A Universidade está para mim como um caminho de possibilidades onde posso criar cada vez mais conexões no campo das artes e seu estudo propriamente dito”.

Este projeto proporcionou aos estudantes de Maringá e região uma viagem a mundos imaginários, aonde eles explo-

raram, usando as próprias experiências e memórias, as propostas feitas pelos artistas do APIS. Para esses jovens, o contato com as formas de expressão artística em um contexto mais elaborado, diferenciado como na exposição, permite sempre que eles observem e reflitam sobre a arte e a cultura do seu

meio social.

As cidades imaginadas pelos artistas do APIS foram “projetadas” para serem percorridas com o olhar, a mente e o coração. São cidades que guardam em si o segredo de seus habitantes, mas que também refletem a ordem invisível que as governam.

¹ Coordenadora do grupo APIS.

² Educadora, bolsista e integrante do grupo APIS.

³ Educadora, bolsista e integrante do grupo APIS.

“Ação e Criação Visual na Extensão da UEM”

Tânia Regina Machado¹
Ângela Mecking da Silveira²

Na área de extensão da Universidade Estadual de Maringá, a educação pelas Artes Visuais se dá como uma forma de integração entre a instituição e a comunidade na qual está inserida. As ações são representadas por cursos de extensão, projetos e eventos, que propõem o desenvolvimento de competências e habilidades, embasadas nos processos de criação e expressão artísticas. Nessas ações, os participantes muitas vezes aprendem com a diversidade, aperfeiçoando as suas formas de comunicação visual.

Os projetos de extensão ampliam a qualidade do trabalho desenvolvido com a comunidade, uma vez que há uma articulação entre ensino, pesquisa e extensão, estimulando assim a reflexão sobre os temas das artes visuais. Em nossa universidade, a Diretoria de Cultura é o setor que desempenha a função administrativa, apoiando os projetos com os recursos necessários para a sua realização.

O desenvolvimento de pesquisas na linguagem visual, na história da arte e na prática artística, visando à compreensão da arte contemporânea e a produção local são os objetos de estudo do Grupo APIS da UEM. Coordenado por Tânia Regina Machado, os projetos são aplicados em especial com os vários setores da universidade e da comunidade, como a Diretoria de Cultura (Projeto: A arte é uma asa... vamos voar!), Escritório de Cooperação

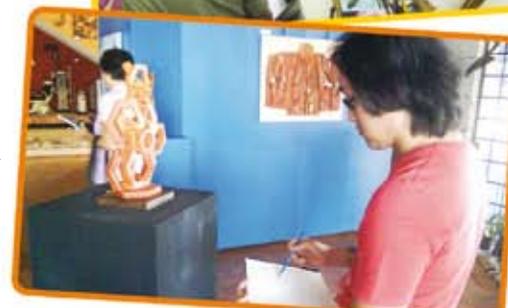
Internacional (Projeto: Na Terra No Vento) e Secretaria Municipal de Cultura, parceira nas mostras realizadas nos espaços oficiais da cidade.

A experimentação de técnicas e a criação de formas individualizadas, caracterizam o trabalho do Grupo TERRA da UEM. Seus integrantes são os participantes dos cursos de extensão da Diretoria de Cultura e da Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati), o que permite uma maior integração e discussões sobre temas como a história dos processos artísticos tridimensionais, o uso de diversos materiais e participação nos certames desta categoria. Coordenado por Ângela Mecking da Silveira, o Grupo Terra também desenvolve projetos e pesquisas com materiais naturais para elaboração de vidrados cerâmicos atóxicos, para queimas de alta temperatura, com a técnica de queima “RAKU”.

A experiência com a arte, desenvolvida na extensão da Universidade Estadual de Maringá, nestes 30 anos, demonstra que a proposta de articular os conhecimentos da história da arte, os elementos da linguagem visual e a prática artística são absorvidos pela comunidade, que, por sua vez, reconhece o poder transformador da arte resultante dessa relação, alicerçada no tempo e no conhecimento, que ilumina o caminho para a identidade coletiva.

¹ Coordenadora do Grupo APIS.

² Coordenadora do Grupo TERRA da UEM.





“A Dança em Minha Vida”

Arthur Leite Zappa (*)

Para o primeiro semestre de 2012, a Diretoria de Cultura da UEM pretende dar continuidade aos diversos cursos já ofertados em 2011. Para saber mais, os interessados devem se dirigir ao bloco A-34, próximo à agência de Correios, ligar no fone 3011-3880 ou acompanhar as informações no site www.pec.uem.br/dcu. Abaixo uma lista com todos os cursos que provavelmente serão oferecidos no primeiro semestre (programação sujeita a alteração):

- Fundamentos da Linguagem Visual;
- Avançado- Linguagem Visual;
- Curso Básico de Cerâmica;
- Cerâmica Avançado;
- Jazz Intermediário;
- Dança Contemporânea;
- Ballet Clássico Iniciante para Adulto;
- Técnicas de Ballet Clássico, Pontas e Contemporâneo;
- Dança de Salão Iniciante;
- Dança de Salão Básico;
- Danças Folclóricas e Populares: Aprender para Ensinar;
- Teatro de Boneco: Confecção, Manipulação e Montagem;
- Samba de Salão;
- Ballet Clássico Infantil;
- Estique-se e Alongue-se;
- Sapateado Básico;
- Ballet Moderno e Ballet Clássico (Intermediário e Avançado);
- Flexibilidade Corporal;
- Teatro para Atores Iniciais;
- Curso Prático para fazer Teatro na Escola;
- Módulo III- Encenando Nelson Rodrigues.

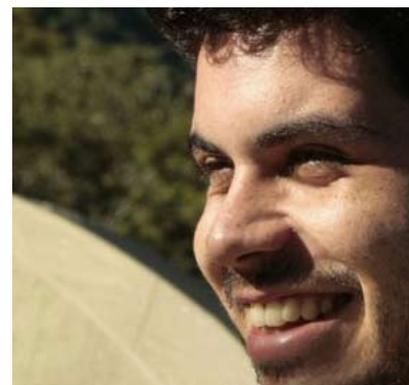
Desde pequeno busquei atividades que me contemplassem por inteiro, no sentido físico e mental, mas até então não entendia muito bem o que exatamente eu ansiava. Experimentei um pouco de tudo, fiz várias atividades, mas nenhuma delas me trouxe o prazer que sinto ao dançar. Comecei a perceber esse gosto pela arte já nas festas juninas da escola e antes mesmo de terminar o ensino fundamental iniciei um curso de dança de salão, cuja parceira era minha mãe.

Aprender o “simples” ato de conduzir uma dama pelo salão me deixou encantado e segui fazendo as aulas mesmo após a saída de minha mãe. Foi exatamente aí que senti a principal modificação da dança em minha vida. Antes disso eu era uma pessoa extremamente tímida, com até certo pavor da sociabilidade. A partir do momento que minha parceira parou, eu tive de mudar meu comportamento e perder essa timidez, afinal como eu dançaria com outras mulheres se não tivesse coragem para convidá-las?

A necessidade de me relacionar com as pessoas foi o que acabou aumentando minha autoconfiança e conseqüentemente minha auto-estima. É possível identificar a partir da atitude individual de cada pessoa na dança se ela é, confiante, apavorada, ansiosa, entre outros; a relação dessa atitude é muito próxima com sua postura social no dia a dia. Tenho bem claro que foi a dança que ajudou a melhorar meu traquejo social.

Foi através do salão que conheci outras formas de danças, entre elas a folclórica, à qual hoje me dedico pelo Grupo Fogaça. Percebê-las como meios de expressão cultural é poder identificar as peculiaridades e influências de cada uma.

Além da satisfação pessoal que a dança nos traz é possível perceber um papel social muito forte também. Estudar as músicas e danças folclóricas nos ajuda a entender a nossa cultura e a real história de nosso país, a história do povo brasileiro contada, cantada e dançada por eles mesmos! Se eu tivesse que resumir a dança em minha vida, diria que é o “vício mais saudável”, porque é impossível largar.



¹ Aluno recém-formado do projeto
Elaboração do Atlas Escolar de
Cambira-PR

ENTREVISTA
CONCEDIDA À
ÂNGELA MECKING,
PROFESSORA DE
ARTES VISUAIS
(CERÂMICA), PELA
ALUNA DA UNATI
(UEM), MARILENA
CORIO DI BURIASCO
MEYER.

O que significa para você, ser uma aluna da Unati?

Tenho muito orgulho em dizer: “Sou aluna da Unati na UEM”, sinto-me feliz por estar aqui e pretendo continuar...Minha vida melhorou muito no sentido de adquirir novos conhecimentos, conhecer pessoas das mais diversas origens e aprender também com elas. Ser aluna Unati é ter alegria, humildade, cumplicidade, respeito, disciplina, companheirismo... É ser feliz!

Qual sua opinião sobre os cursos de Arte oferecidos pela Unati?

A arte emociona, relaxa, e como escreveu a artista plástica londrinense Fátima Seehagen – “Ao fazer Arte, o artista não pensa, o artista sente”... Eu, por enquanto só faço o curso de Cerâmica e Dança, mas sei, pelos meus colegas, que os outros cursos de Artes oferecidos pela Unati são também muito bons e envolventes, com professores também muito dedicados. Temos visto os resultados nos trabalhos mostrados em diversas exposições e eventos da Unati.



Você poderia relatar sua experiência no curso de Cerâmica?

Quanto ao curso de cerâmica, adoro fazê-lo! Trabalhar a argila, moldá-la, criar, imaginar uma peça e vê-la pronta, é maravilhoso! Da massa amorfa à obra pronta, é uma transformação que

emociona. Quando o trabalho acabado sai do forno ou da queima de Raku, o sentimento é de alegria, emoção, orgulho... Nada disso aconteceria, certamente, sem a dedicação dos nossos professores de artes da Unati, que com muita paciência e carinho, nos mostram o caminho para esta felicidade...